

Recursos escassos para investimentos

189

por Vera Saavedra Durão
do Rio

A década de 90 vai caracterizar-se por uma disputa muito grande por capitais para investimento, a partir da incorporação dos países do Leste europeu à economia ocidental. Em consequência, a tendência das taxas de juro no mercado externo será de alta. O Brasil terá de entrar nesta "briga" para conseguir atrair capital de risco e retomar seu processo de desenvolvimento, praticamente paralisado pela crise da dívida e pelo processo hiperinflacionário que corroeu sua economia nos anos 80.

A análise feita por representantes do capital estrangeiro sobre os cenários para os investimentos nos próximos dez anos é corroborada por Rejane Gondim Janowitz, economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), para quem, além da disputa por capitais, a grande questão da política econômica nacional nos anos 90 será descobrir quem bancará as inversões na produção de bens e serviços no País, já que o Estado brasileiro — grande baluarte da economia nos anos 70 — está falido e com sua poupança negativa crescente desde 1982 e não há mais financiamentos externos disponíveis, como acontecia até o início da década de 80.

A curtíssimo prazo, a economista não vê indícios de crescimento dos investimentos produtivos no Brasil. Segundo sua análise, a taxa projetada neste ano da formação bruta de capital fixo em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) é da ordem de 16,6%, uma das menores da década, perdendo apenas para a de 1984, de 16,1%. A participação da formação bruta de capital fixo no PIB vem decrescendo durante os anos 80, depois de ter atingido seu pico em 1975 (25,8%).

Segundo Janowitz, o comportamento dos principais indicadores macroeconômicos relacionados à taxa de investimento — diminuição do nível médio de ocupação da capacidade instalada de quase toda a indústria de 83% em julho/89 para 77% em julho último, a retração da produção e da importação de bens de capital e a contração da atividade da construção civil — mostra esta taxa bem distante das observadas na década de 70, durante o surto de crescimento econômico.

É importante ressaltar, segundo o estudo da FGV, baseado numa sondagem conjuntural da indústria em julho último, uma pesquisa envolvendo 1.717 empresas, que a indústria instalada no País desacelerou o ritmo de expansão de sua capacidade física de produção, reduzindo sua programação de investimento físico para este ano e para o triênio 90/92, dado o agravamento do quadro de incertezas após a reforma econômica do governo Collor.

Os números do levantamento da FGV informam que a taxa de expansão do investimento industrial programada pela indústria de transformação para o período dezembro de 89 a dezembro de 90 é de 2%, equivalente à metade do crescimento previsto no período dezembro/88 a dezembro/89, de 4%.

(Continua na página 4)